

Mulheres sob ataque: discursos da mídia sobre Michelle Bolsonaro e Janja Lula da Silva

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v54i2.3832>

Geovana Chiari Reis¹

Carlos Piovezani²

Resumo

Este artigo analisa os modos como três veículos da grande imprensa brasileira – *Folha de S. Paulo* (UOL), *CartaCapital* e *O Antagonista* – noticiaram a declaração de Jair Bolsonaro no dia 7 de setembro de 2022, em que comparou Michelle Bolsonaro e Janja da Silva, esposas dos dois principais candidatos à presidência. Como objetivo específico, busca-se analisar como cada jornal se posiciona diante do acontecimento e como os sujeitos enunciadorese se relacionam com o tema. O objetivo geral consiste em compreender de que forma tais enunciados participam da reprodução do dispositivo de silenciamento que historicamente marca a representação das mulheres na cena política, mesmo quando não ocupam posição de protagonismo. Para isso, investigamos a constituição histórica, a formulação linguística e a circulação social de três notícias publicadas logo após a declaração, amparados nos postulados, noções e procedimentos da Análise do Discurso derivada de Michel Pêcheux (1978, 1997) e em diálogo com a reflexão de Michel Foucault (1969, 1970). Além disso, ao tratar particularmente dos verbos *dicendi*, recorreremos a Marcuschi (2007). Os resultados apontam que esses recursos linguísticos contribuem para tensionar e, em muitos casos, reforçar o dispositivo de silenciamento da fala feminina em contextos midiáticos e políticos.

Palavras-chave: discursos de mídia jornalística; mulheres; agressividade; acontecimento discursivo; Bolsonaro e Lula.

1 Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo, Brasil; geovanachiari@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-0041-2609>

2 Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo, Brasil; cpiovezani@uol.com.br; <https://orcid.org/0000-0002-3612-983X>

Women under attack: media discourse on Michelle Bolsonaro and Janja Lula da Silva

Abstract

This article analyzes how three major Brazilian media outlets – *Folha de S. Paulo* (UOL), *CartaCapital*, and *O Antagonista* – reported on Jair Bolsonaro's statement on September 7, 2022, in which he compared Michelle Bolsonaro and Janja da Silva, the wives of the two main presidential candidates. The specific objective is to examine how each newspaper positioned itself in relation to the event and how the enunciating subjects engaged with the topic. The general aim is to understand how such discourses contribute to the reproduction of the silencing device that has historically marked the representation of women in the political sphere, even when they are not in positions of prominence. To this end, we investigate the historical constitution, linguistic formulation, and social circulation of three news articles published shortly after the statement, drawing on the principles, notions, and procedures of Discourse Analysis derived from Michel Pêcheux (1978, 1997) and engaging in dialogue with Michel Foucault's works (1969, 1970). Furthermore, when specifically addressing the use of reporting verbs (*verba dicendi*), we rely on Marcuschi (2007). The results indicate that these linguistic resources contribute to creating tensions and, in many cases, reinforce the device of silencing women's voices in media and political contexts.

Keywords: journalistic media discourses; women; aggressiveness; discursive event; Bolsonaro and Lula.

Introdução

Invisibilizada ou protagonista, discreta e caridosa, ativa ou conselheira. Ao longo dos anos, os papéis sociais e também políticos desempenhados por esposas de candidatos em campanhas eleitorais e por primeiras-damas durante o mandato de chefes de poderes executivos ganharam maior destaque. No bojo da ampliação de suas atuações e visibilidades, mesmo que nessa condição secundária relativa a seus maridos, parece ter ocorrido certo fortalecimento do discurso segundo o qual elas influenciam as decisões políticas de seus esposos e cumprem funções estratégicas de propaganda em contextos eleitorais.

Outro fator que concorre para a exposição das esposas de políticos, sobretudo no interior da espetacularização³ da política, é a cobertura midiática de candidaturas e governos.

3 O conceito de espetacularização é desenvolvido por Guy Debord em *A Sociedade do Espetáculo* (1997), no qual o autor discute como, na sociedade capitalista, as relações sociais são mediadas por imagens, transformando-se em representações que priorizam a visibilidade e o consumo em detrimento da experiência vivida.

Embora essa cobertura possa ser positiva, tal como tendia a ocorrer quando primeiras-damas eram retratadas pela grande mídia⁴ como exemplos de virtude e caridade, isso não as isenta de se tornarem alvos de ataques e comparações vindos principalmente do campo adversário. Em todo caso, os discursos da grande mídia sobre essas mulheres contribuem para a construção de determinadas percepções públicas sobre a atuação feminina no campo político.

À luz desse contexto, apresentamos parte dos resultados da pesquisa desenvolvida sob a forma de pós-doutorado realizado na UFSCar, cujo objetivo principal é analisar a circulação social, a formulação linguística e a constituição histórica de textos que abordaram uma dimensão específica da fala de Jair Bolsonaro em 7 de setembro de 2022, relativa a uma comparação entre as esposas de candidatos. Buscamos identificar, descrever e interpretar discursos sobre mulheres em posição de não-protagonismo no campo político, a saber, primeiras-damas e/ou esposas de candidatos.

Alguns estudos já demonstraram a existência de um dispositivo de silenciamento da fala pública feminina no Brasil contemporâneo (Braga; Piovezani, 2020, 2023), por meio do qual mulheres em protagonismo político têm suas falas menosprezadas, deslegitimadas e interditadas. Nesse sentido, consideramos pertinente e necessário verificar se a força e o alcance desse dispositivo também se estendem a mulheres em condição coadjuvante, capazes de ter suas vozes igualmente rebaixadas ou apagadas.

Neste artigo, portanto, investigamos como diferentes veículos da grande imprensa brasileira construíram discursivamente a comparação entre Michelle Bolsonaro e Janja da Silva, examinando, em especial, o papel de nominalizações e verbos *dicendi* na produção de sentidos.

A seguir, apresentamos a fundamentação teórica, com base em Pêcheux, Foucault e Marcuschi, que sustenta nossa proposta analítica.

Fundamentação teórica

Na perspectiva dos estudos discursivos, os discursos são vistos como materializações das várias ideologias que permeiam uma sociedade e como estruturas que condicionam o que pode ou não ser dito em diferentes contextos. Além disso, os discursos são um processo contínuo no qual os significados são construídos em falas, em determinadas condições de produção. Esse processo ocorre por meio do estabelecimento de relações entre as palavras e os enunciados produzidos pelos sujeitos, o que permite que um mesmo enunciado assumam diferentes significados dependendo do discurso em que

4 Neste trabalho, o termo “grande mídia” refere-se a veículos jornalísticos tradicionais de circulação nacional, como Folha de S. Paulo, O Globo e Estadão.

se insere. Da mesma forma, palavras e enunciados distintos podem gerar significados semelhantes quando fazem parte de um mesmo quadro discursivo (Pêcheux, 1997, p. 160-161).

Embora a língua, entendida como base relativamente autônoma a partir da qual se dão os processos discursivos, seja uma materialidade privilegiada do discurso, em que se materializam as ideologias, para a AD o discurso não se confunde com a condição universal da língua, cujas unidades e regras de combinação são as mesmas para todos os membros de uma comunidade linguística, nem tampouco à propriedade individual da fala, que é singular em cada uma de suas manifestações (Piovezani; Alves, 2024, p. 132). Pêcheux (1997, p. 74) sustenta que o discurso se situa, antes, “num nível intermediário” entre a universalidade da língua e a individualidade da fala e consiste numa prática regular, em cujo cerne se travam relações de força e de sentido. Por essa razão, as formas e os recursos dos diferentes níveis da língua devem ser descritos e interpretados numa abordagem discursiva. É a partir desse princípio que descreveremos e interpretaremos privilegiadamente alguns elementos da seleção lexical e certos usos de verbos *dicendi* presentes em manchetes e linhas finas⁵ de textos da mídia, que mencionamos.

Além de considerarmos o discurso enquanto materialização de ideologias e de diferentes posicionamentos, sustentamos, em consonância com os estudos de Foucault (2010 [1969]), que todos os enunciados devem ser compreendidos como um acontecimento, visto que apresentam uma singularidade e, ao mesmo tempo, uma regularidade. Nas palavras do filósofo, o enunciado é:

[...] único como todo acontecimento, mas está aberto à repetição, à transformação, à reativação; finalmente, porque está ligado não apenas a situações que o provocam, e a consequências por ele ocasionadas, mas, ao mesmo tempo, e segundo uma modalidade inteiramente diferente, a enunciados que o precedem e o seguem (Foucault, 2010 [1969], p. 32).

Entretanto, tratar cada enunciado como algo singular, que produz um acontecimento, não nos impede de, num estudo de foco circunscrito recente bastante preciso, por exemplo, identificar uma regularidade que forma uma rede de enunciados singulares, provocando uma ruptura, uma descontinuidade em relação às práticas discursivas anteriores. No presente estudo, analisamos certos aspectos da ocorrência de um acontecimento que produz rupturas em modos de dizer e instaura, a partir dele, uma desestabilização e uma reestruturação de outra regularidade.

⁵ No jornalismo, a linha fina é o texto que aparece logo abaixo da manchete, funcionando como subtítulo ou complemento explicativo da informação principal.

Conforme Castro (2009, p. 24), “em um primeiro momento, podem-se distinguir dois sentidos desse termo: o acontecimento como novidade ou diferença e o acontecimento como prática histórica”. Podemos, assim, considerar os enunciados enquanto práticas discursivas, históricas, por meio das quais a novidade é produzida.

Ainda de acordo com Castro (2009, p. 25), “a novidade já não é um acontecimento oculto do qual as práticas seriam as manifestações; as práticas definem agora o campo das transformações, da novidade”. Desse modo, por meio da análise e descrição dos enunciados, das práticas discursivas, poderemos encontrar as transformações, a novidade, a regularidade, o acontecimento. E ao descrever o acontecimento, veremos quais são as condições de emergência “que determinam a materialidade própria do enunciado” (Castro, 2009, p. 25).

Nas palavras de Foucault (2014, p. 175), o acontecimento discursivo “se dispersa entre instituições, leis, vitórias e derrotas políticas, reivindicações, comportamentos, revoltas, reações”. Uma vez que o acontecimento é sempre uma dispersão, cabe, ao analista, mapear as regularidades no conjunto disperso e descontínuo.

Foucault (2010 [1969]) concebe o enunciado como sendo a unidade elementar do discurso, constituído do material linguístico. Outro modo de entender o que Foucault concebe como “sujeito” consiste em considerar as diferentes “modalidades enunciativas” por meio das quais o sujeito do discurso se relaciona com o que diz. Nessas modalidades enunciativas, frequentemente os verbos *dicendi* desempenham sentido significativo. Partindo dessa proposição e da noção de que o linguístico esteja mais presente e imbricado do que talvez pudéssemos supor, recorreremos aos estudos de Marcuschi (2007) com o objetivo de entender o funcionamento de tais verbos e também de suas nominalizações presentes em dados de nosso *corpus*, contribuindo igualmente para a compreensão da relação que seu enunciator pretende estabelecer com o tema.

Para Marcuschi (2007), os jornalistas, ao reproduzirem opiniões ou falas de políticos na imprensa, submetem-se a um sistema de formulação que não é neutro. Na perspectiva da Análise do discurso, a neutralidade já é um mito ultrapassado, uma vez que, ao enunciar, os sujeitos sempre assumem um posicionamento, de modo que até mesmo o “silêncio” é um “escolher não dizer”, entendido como “escolha” condicionada pela ordem do discurso.

Ainda, o autor analisa alguns verbos, mostrando, dentre outros aspectos, suas características ideológicas e corroborando o fato de que a atividade jornalística não é apenas expositiva, mas é também interpretativa e analítica. Nas palavras do autor: “Parto da premissa de que apresentar ou citar o pensamento de alguém implica, além de uma oferta de informação, também uma certa tomada de posição diante do exposto”.

De acordo com Marcuschi (2007, p. 76), as formas linguísticas mais frequentes de relatar opiniões são as seguintes:

- a) Mediante um verbo: a fala é introduzida com algum verbo, como “indagar”, “ênfatizar”.
- b) Mediante uma nominalização: trata-se de um processo de nominalização de verbos, como em “a denúncia”, “o elogio”, “a comparação”.
- c) Mediante construções adverbiais: estas formas aparentam ser “neutras”, como em “Segundo fulano”, “na opinião de”. Estas formas, *segundo* Marcuschi, assumem a posição de retornar a responsabilidade àquele que proferiu as palavras, como acabo de fazer nesta frase.

O autor ainda distingue o termo “discurso de poder”, o qual é descrito como verbos que produzem efeitos de força e dominância, exemplificados nos seguintes verbos: “reiterar”, “destacar”, “afirmar”. Tais verbos assumem funções argumentativas, pois hierarquizam, reforçam, classificam e discriminam o relato.

Além disso, Marcuschi (2007) reitera que os verbos introdutórios têm uma função organizadora e os classifica segundo 7 classes gerais, sendo elas: verbos indicadores de posição oficial (afirmar, declarar, assegurar); verbos indicadores de força de argumento (“frisar”, “destacar”); verbos indicadores de emocionalidade circunstancial (“desabafar”, “Ironizar”, “vociferar”); verbos indicadores de provisoriedade do argumento (“achar”, “julgar”, “imaginar”); verbos organizadores de um momento argumentativo no conjunto do discurso (“iniciar”, “concluir”, “inferir”); verbos indicadores de retomadas opositivas – organizadores dos aspectos conflituosos – (“comentar”, “reconhecer”, “negar”); verbos interpretativos do caráter ilocutivo do discurso referido (criticar, censurar, sugerir).

Partindo dos estudos do autor, é apresentada uma abordagem discursiva dos verbos introdutórios de discursos relatados, que representam o posicionamento acadêmico da análise pretendida.

Uma vez delineados os pressupostos teóricos, passamos à descrição do *corpus* e da metodologia, de modo a explicitar as condições de produção e análise dos enunciados.

Material e metodologia

O que nos impulsionou a analisar discursivamente a cobertura midiática dispensada às esposas dos candidatos e, mais especificamente, as repercussões jornalísticas do

pronunciamento de Jair Bolsonaro no dia 07 de setembro de 2022, foi a necessidade de compreender o que dizem e o que calam esses veículos de imprensa acerca de discursos agressivos e misóginos direcionados a essas mulheres, verificando, ainda, se o dispositivo de silenciamento se estenderia às que não ocupam posição de protagonismo político.

A escolha de circunscrever as condições de produção dos discursos ao ano de 2022 justifica-se pelo fato de que, nesse período, houve uma ampliação e uma mudança nos papéis desempenhados por esposas de candidatos nas campanhas eleitorais, uma vez que passaram a se dedicar a *lives*, pronunciamentos em diversos espaços, publicações em redes sociais e aparições na televisão.

Como gesto inicial de pesquisa, realizamos uma busca avançada na plataforma Google, utilizando as palavras-chave “Ataque Michelle Janja” e delimitando o período de 01 de janeiro a 01 de novembro de 2022. A análise dos resultados revelou a recorrência de notícias que remetiam a um mesmo acontecimento: a declaração feita por Jair Bolsonaro, no Rio de Janeiro, durante o evento de comemoração dos 200 anos da Independência do Brasil, em 07 de setembro de 2022, quando afirmou:

“Podemos fazer várias comparações, até entre as primeiras-damas. Não há o que discutir. (Michelle é) uma mulher de Deus, da família e ativa na minha vida. Não é ao meu lado, não, às vezes ela está na minha frente. Eu falo aos homens solteiros: procurem uma mulher, uma princesa, se case com ela para serem mais felizes ainda”.

O pronunciamento repercutiu amplamente, singularizando-se por contemplar, de modo particular, Michelle Bolsonaro e, de forma implícita, a esposa de seu principal adversário, Luiz Inácio Lula da Silva. Embora Bolsonaro tenha mencionado apenas Michelle, a exaltação da primeira-dama como “mulher de Deus, da família e ativa” foi interpretada pela mídia como uma comparação indireta com Janja da Silva, produzindo uma oposição discursiva que resultou na leitura de confronto simbólico entre ambas. Essa movimentação discursiva foi reforçada, por exemplo, por reportagem do UOL intitulada: *“Após Bolsonaro pedir comparação, Janja e Michelle são atacadas nas redes sociais”*.

Desse modo, compreendemos a declaração como um acontecimento discursivo (Foucault, 1997), pois desencadeou uma rede de enunciados singulares e instaurou uma descontinuidade em relação a práticas discursivas anteriores. Nosso objeto de análise é, portanto, constituído pela repercussão jornalística desse acontecimento. A partir dela, construímos um *corpus* de sete textos provenientes de diferentes veículos da imprensa brasileira, dentre os quais selecionamos três, privilegiando a diversidade de posicionamentos políticos (à esquerda, à direita, ao centro ou mais progressistas).

Devido à impossibilidade de análise integral dos textos, recortamos apenas os trechos que tratam da comparação entre as esposas dos candidatos, circunscrevendo manchetes e linhas finas, a fim de observar tanto os conteúdos enunciados quanto os modos de enunciação, sobretudo no que se refere ao uso dos verbos *dicendi*. Tal escolha permite verificar de que maneira os enunciadores se posicionam diante do episódio e se o dispositivo de silenciamento incide igualmente sobre mulheres em condição secundária no campo político.

Nesse sentido, dialogamos com Braga e Piovezani (2025), que demonstram como a deslegitimação da fala feminina atravessa tempos e espaços, desde a Antiguidade até o Brasil contemporâneo. No cenário nacional recente, não apenas primeiras-damas, mas também mulheres em posição de protagonismo político, como Dilma Rousseff e Tabata Amaral, foram alvos de discursos discriminatórios que ridicularizam sua voz ou a associam à incapacidade cognitiva. Essa memória discursiva, que vincula a fala feminina à fragilidade ou à irracionalidade, reaparece de diferentes formas, seja no riso irônico dirigido à presidenta, seja na surpresa diante da oratória de uma deputada jovem.

Assim, ao articular o episódio de 07 de setembro com esse quadro mais amplo, buscamos compreender como a mídia mobiliza discursos que atualizam historicamente o silenciamento da voz feminina, restringindo o direito de fala tanto de mulheres em protagonismo quanto daquelas em condição secundária.

Diante desse cenário, passamos a examinar mais detidamente como diferentes veículos noticiaram a comparação entre Janja e Michelle, observando os posicionamentos e sentidos produzidos a partir do acontecimento.

Comparação entre Janja e Michelle: posicionamentos

Dois dias após a comparação feita por Bolsonaro, o site de combate à desinformação, Lupa, noticiou⁶ uma repercussão notória nas redes sociais, descrevendo um aumento exponencial das publicações feitas com os nomes de Janja e Michelle. A reportagem divulgou a informação de uma análise feita com dados do CrowdTangle, plataforma que monitora o Facebook e o Instagram, mostrando que as publicações feitas com os nomes de Michelle e Janja no dia 7 de setembro tinham 42,3 mil interações no Facebook e 64,9 mil no Instagram até a tarde de sexta-feira (9). A maior parte dessas postagens veiculava ataques sexistas e misóginos, de acordo com a jornalista Lara Diniz, “Grande parte dessas mensagens eram ofensivas e utilizavam palavras de cunho sexual. Janja foi chamada de ‘vagabunda’, enquanto Michelle, de ‘biscate’”.

6 Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2022/09/09/comparacao-janja-e-michelle-nas-redes-sociais>. Acesso em: 20 jul. 2024.

A fala de Bolsonaro, portanto, instaura-se como um acontecimento, à medida que, a partir dela, ocorre uma ruptura, uma descontinuidade e, ao mesmo tempo, constroem-se enunciados regulares, relativos a uma mesma temática.

Desse modo, com o objetivo de analisar a constituição histórica, a formulação linguística e a circulação social de textos e enunciados de jornais brasileiros que abordaram a comparação, privilegiando a análise dos verbos *dicendi*, selecionamos as seguintes matérias jornalísticas, com destaque à manchete e linha fina:

Folha de S. Paulo (UOL): Bolsonaro repete ameaças, pede voto e usa Michelle em fala machista na Esplanada⁷

Presidente discursa a milhares de apoiadores em Brasília após acompanhar desfile militar no 7 de Setembro.

CartaCapital: Imbrochável e comparação entre esposas: As declarações machistas de Bolsonaro no 7 de Setembro

A apoiadores, o presidente citou o que considera virtudes de Michelle Bolsonaro, como ser cristã e defender a família, e evitou destacar características de Janja.

O Antagonista: “Falei de todas as primeiras-damas”, diz Bolsonaro, sobre comparação de Michelle com Janja

Jair Bolsonaro disse, nesta quinta-feira (8), que não se referiu à atual esposa de Lula, a socióloga Rosângela Silva, conhecida como Janja, em ato com uma multidão de apoiadores na Esplanada dos Ministérios na quarta-feira (7), no bicentenário da independência.

Conforme dissemos, neste estudo, observamos alguns enunciados regulares e distintos que constituem parte da cobertura midiática de um episódio do acontecimento de 7 de setembro de 2022, levando em consideração as posições do enunciador, ao tratar das esposas dos dois principais candidatos daquelas eleições presidenciais.

Uma leitura rápida das manchetes já evidencia um conjunto de notícias que tratam da comparação feita por Bolsonaro no dia 7 de setembro. Apesar de todas elas apresentarem a mesma temática, uma interpretação mais atenta já identifica diferentes posicionamentos de seus enunciadores e seus diferentes enfoques do episódio.

A seguir, nossas análises descrevem e interpretam os principais recursos e formas linguísticas que constroem essas diferenças de foco e de posição.

⁷ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/09/bolsonaro-usa-michelle-ataca-stf-e-repete-ameacas-diante-de-milhares-na-esplanada.shtml>. Acesso em: 20 jul. 2024.

O título da primeira notícia, veiculada no jornal *Folha de S. Paulo*, “Bolsonaro repete ameaças, pede voto e usa Michelle em fala machista na Esplanada” mostra um posicionamento contrário à fala de Bolsonaro. O verbo “usar” na frase “usa Michelle”, por exemplo, produz efeitos de que Michelle Bolsonaro não está apenas presente ao lado do presidente, mas de que estaria sendo manipulada ou utilizada como ferramenta estratégica para seus interesses políticos. A ideia de “uso” é reforçada ao longo do texto, destacando que a presença de Michelle não é “neutra”, mas uma ação deliberada para atingir certos objetivos, como podemos constatar no exemplo a seguir: “A fala em tom eleitoral e com pedido de votos, **com uso** de Michelle ao seu lado”.

A expressão “fala machista” constrói uma sobredeterminação do adjetivo sobre o substantivo, reconfigurando-o de modo absoluto, um já-dado, uma verdade incontestável. Além do recurso da nominalização frequente no texto, outro recurso linguístico que merece destaque são os verbos *dicendi*. Vejamos a ocorrência de alguns deles: “**repete** ameaças”, “**usa** Michelle”, “**entoou** gritos”, “**ensaíou** fazer uma comparação”, “Bolsonaro **voltou a dizer**”, “**Pede** voto”. A partir desses verbos, observamos a produção de sentidos de um candidato repetitivo, manipulador, que age de maneira calculada para alcançar seus objetivos eleitorais. Ademais, a escolha do verbo *dicendi* “entoar” para descrever a fala de Bolsonaro sugere que suas palavras não foram meramente ditas, mas vocalizadas de maneira enfática e proposital, como parte de uma encenação que visaria a captar a atenção e a afirmar sua posição, além de se constituir, nesse imbricamento de sentidos, um *verbo indicador de emocionalidade circunstancial*, segundo Marcuschi (2007).

Analisando de modo ainda mais específico, e por meio de paráfrases, verificamos que o enunciado “Repete ameaças”, por exemplo, poderia ser dito de diversas formas, como simplesmente “fazer ameaça” ou “ameaçar”, o que já seria algo negativo. Entretanto, o uso do verbo “repetir” intensifica este sentido, sugerindo uma ação contínua e insistente, o que produz efeito de maior gravidade do que apenas uma ação isolada de “fazer” ou “ameaçar”.

Da mesma forma, “usa Michelle” poderia ser reformulado para expressões como “ao lado de Michelle” ou “com o apoio da esposa”. As paráfrases atenuariam o sentido de manipulação ou instrumentalização sugerido pela palavra “usa” e construiriam um sentido positivo. Ao usar “ao lado de” ou “com o apoio de”, a construção destaca a parceria e o companheirismo, suavizando o efeito negativo de um possível uso de Michelle como figura de retórica.

A expressão “Entoou gritos”, por sua vez, poderia ser parafraseada de maneira mais direta, como “gritou” ou apenas “exclamou”. “Gritou” simplifica o ato, retirando qualquer conotação de organização ou orquestração sugerida por “entoar”, enquanto “exclamou” constrói um senso de entusiasmo ou ênfase, ao invés de algo agressivo ou descontrolado.

Por fim, a expressão “Pede voto” poderia ser parafraseada por “convoca os eleitores”. “Pedir” remete a uma solicitação direta e talvez até a uma atitude de dependência ou apelo, ao passo que “convocar” sugere um chamado mais formal e coletivo, atribuindo maior seriedade e engajamento ao ato, conferindo um tom positivo de liderança e responsabilidade.

A relação lexical do enunciado que reproduzimos, a seguir, concorre justamente para a construção desse posicionamento contra Bolsonaro:

“Com tom machista, entoou gritos de ‘imbrochável’ e ‘ensaiou’ fazer uma comparação com outras primeiras-damas, mas não fez nenhuma citação direta à socióloga Rosângela da Silva, a Janja, mulher de Lula.”

O modo como o enunciador se relaciona com o tema – “comparação com as esposas de homens políticos” – se dá em termos de ataque, como já vimos, materializados, sobretudo nos verbos *dicendi*. O foco do texto recai, portanto, sobre Bolsonaro e suas ações negativas. Nessa perspectiva, o uso do verbo ‘ensaiou’ reforça efeitos de sentido como: “nem o que ele pretendia fazer, ele fez”, sugerindo que ele “ensaiou, mas não conseguiu” ou “não teve coragem de realizar”.

Na notícia veiculada pelo jornal CartaCapital – “Imbrochável e comparação entre esposas: **As declarações machistas** de Bolsonaro no 7 de Setembro” – a temática da comparação aparece logo no título e é apresentada por meio de uma nominalização, produzindo efeitos de um *já-dado*, de uma verdade incontestável.

Vejamos outro trecho em que este tema aparece:

O presidente Jair Bolsonaro (PL) puxou o coro de ‘imbrochável’ ao discursar durante a comemoração do Bicentenário da Independência, nesta quarta-feira 7, em Brasília. Não foi **o único momento machista** do ex-capitão que, logo depois, **comparou** a primeira-dama, Michelle Bolsonaro, com a esposa do ex-presidente Lula (PT), a socióloga Rosângela da Silva, conhecida como Janja.

Encontramos, neste excerto, outra nominalização: “o único momento machista”, produzindo efeitos de um “já-dado”, além da utilização do verbo *dicendi* “comparou”, sem a utilização de verbos modais ou outros termos que atenuem ou tornem menos subjetivo o posicionamento do enunciador. A relação que este estabelece com o tema, também se dá por meio de ataques, no entanto, o faz assumindo uma posição mais assertiva, sem muitas modalizações como evidenciado na notícia do jornal *Folha de S. Paulo*, no que se refere ao verbo “comparar”.

A análise sobre as declarações de Bolsonaro identifica uma construção discursiva de posição nada favorável ao ex-presidente. Ao invés de afirmar que Bolsonaro “citou as virtudes de Michelle”, diz-se que ele “citou **o que considera** virtudes de Michelle”. Essa escolha lexical reflete um distanciamento crítico em relação a Bolsonaro, sugerindo que suas opiniões sobre virtudes de sua esposa não são necessariamente compartilhadas pelo sujeito enunciador.

A *CartaCapital*, como um veículo com viés mais progressista, reflete uma posição editorial mais assertiva em relação a temas considerados consensuais no campo progressista. Observou-se, por exemplo, que se caracteriza a fala como machista, argumenta-se com discursos diretos, citando a fala de Bolsonaro, no entanto, não há outras explicações que endossam a argumentação, o que pode ser um indício de que o público-alvo já compartilha de certas premissas, dispensando explicações mais elaboradas sobre a natureza problemática das declarações do ex-presidente.

O site *O Antagonista*, por sua vez, é um veículo de direita política do Brasil e, como esperado, o sujeito enunciador estabelece uma relação de negação do tema, por meio de uma sequência de discursos diretos que dão voz ao então candidato Bolsonaro e corroboram o posicionamento de que não se comparou Janja e Michelle, mas sim, todas as primeiras-damas.

*“Primeira coisa, **não falei o nome da Janja**. Falei: ‘compare com as outras primeiras-damas’. **Temos 27 primeiras-damas nos estados do Brasil. E temos 5.700 municípios**”, afirmou Bolsonaro, em sabatina desta quinta ao Correio Braziliense.*

“Não conheço as outras, não vou falar que a Michelle é melhor que todas elas, mas façam comparações com as outras primeiras-damas outras. A que foi a do Lula, do Fernando Henrique, comparem. Nada mais além disso aí”, acrescentou.

Enquanto os outros jornais apresentam um posicionamento contrário ao de Bolsonaro, materializado, sobretudo, nos verbos *dicendi*, nesta notícia, os verbos de mesmo tipo, “disse”, “afirmou” “fez referência”, “acrescentou”, produzem efeitos de objetividade. Ademais, o verbo “afirmou” indica, nesse contexto, o que atesta Marcuschi, uma *posição oficial*, e o verbo “acrescentou” dá força ao argumento.

No texto, o posicionamento do enunciador mostra-se nas seleções dos trechos das falas do candidato (discurso direto), nas quais evidencia-se uma posição favorável, ainda que em alguns momentos as escolhas lexicais produzam certos efeitos de objetividade.

Na manchete “Falei de todas as primeiras-damas”, diz Bolsonaro, **sobre comparação** de Michelle com Janja”, constata-se um ato falho – não como simples lapso individual, mas

como efeito discursivo em que o inconsciente e a ideologia perpassam a materialidade da linguagem. Nesse caso, o deslize se manifesta por meio da nominalização do termo “comparação”. Embora a notícia cite extensivamente o discurso direto do presidente, no qual ele se defende de ter feito tal comparação, a escolha da palavra “comparação” na manchete produz sentidos contrários ao próprio ato que se nega posteriormente. A nominalização aqui é especialmente relevante, pois se constrói uma sutil reafirmação do ato, ainda que de maneira indireta, o que gera um efeito contraditório em relação à defesa de Bolsonaro. Mesmo sem uma afirmação direta, o uso desse termo já pressupõe que a comparação, de fato, tenha sido feita.

Considerações finais

A partir das análises, podemos constatar uma diversidade de posicionamentos e interpretações sobre o mesmo acontecimento – as declarações de Bolsonaro no dia 7 de setembro –, em diferentes veículos de comunicação, o que justifica o argumento de que nenhum discurso é neutro, mas permeado por ideologias (Pêcheux, 1988).

Por meio de recursos linguísticos como nominalizações e verbos *dicendi*, materializam-se as posições e evidencia-se a trama da relação entre o enunciador e o que está sendo dito. Enquanto a *Folha de S. Paulo* e a *CartaCapital* adotam um tom crítico e denunciam o machismo da fala do presidente, o site *O Antagonista* busca atenuar ou desviar o impacto das declarações, apresentando um discurso que favorece, de certo modo, Bolsonaro.

Apesar de certa proximidade dos posicionamentos, observamos uma nuance em relação ao grau de comprometimento das asserções. A escolha dos verbos *dicendi* são índices seguros para observarmos a materialização de tais posições. A *Folha de S. Paulo* e o jornal *CartaCapital*, por exemplo, constroem afirmações diretas ao descrever o tema, denotando uma ponderação mais subjetiva e assertiva em relação ao veículo de direita. *O Antagonista*, ainda que assuma uma posição a favor de Bolsonaro e transcreva várias de suas falas no modo de discurso direto, deixa deslizar uma nominalização – “Comparação de Michelle com Janja” – produzindo sentidos contrários aos afirmados anteriormente.

Desse modo, este estudo demonstrou que a análise da constituição, formulação e circulação dos enunciados jornalísticos, mesmo em veículos com ideologias distintas, contribui para a reprodução do dispositivo de silenciamento que historicamente atua na esfera política. Embora a cobertura midiática sobre o evento tenha dado destaque às figuras de Michelle e Janja, a análise revelou que essa visibilidade se deu sem lhes dar a palavra. Ao falarem sobre elas, mas não as ouvirem, os veículos de imprensa reforçaram a dinâmica de um discurso que posiciona a mulher como objeto de comentário e comparação, e não como sujeito político dotado de voz.

A análise aqui empreendida confirma a extensão do dispositivo de silenciamento a mulheres que não ocupam posição de protagonismo político, uma vez que a mídia as invisibiliza como vozes ativas, relegando-as a um papel de figura coadjuvante no cenário público. Assim, este trabalho reforça a relevância de uma perspectiva discursiva para desvelar como as escolhas linguísticas e editoriais podem tanto refletir quanto perpetuar práticas históricas de subalternização de gênero na esfera midiática.

Referências

BRAGA, A.; PIOVEZANI, C. Discursos sobre a fala feminina no Brasil contemporâneo. *Revista da Abralín*, v. 19, p. 1-19, 2020.

BRAGA, A.; PIOVEZANI, C. El habla pública femenina en Brasil: un dispositivo de antiguos prejuicios y de nuevas discriminaciones. In: RODRÍGUEZ, C. F.; PEÑA, E. B. (org.). *El discurso de la mujer: en el ámbito profesional y social*. 1. ed. Sevilla: Editorial Universidad de Sevilla, 2023. p. 119-138.

BRAGA, A.; PIOVEZANI, C. *A fala feminina: silenciamentos e resistências*. 1. ed. São Paulo: Jandaíra, 2025.

CARTACAPITAL. Imbrochável e comparação entre esposas: as declarações machistas de Bolsonaro no 7 de Setembro. *CartaCapital*, Brasília, 07 set. 2022. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/imbrotchavel-e-comparacao-entre-esposas-as-declaracoes-machistas-de-bolsonaro-no-7-de-setembro/>. Acesso em: 28 ago. 2025.

CASTRO, E. *Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FOLHA DE S. PAULO. *Bolsonaro usa Michelle, ataca STF e repete ameaças diante de milhares na Esplanada*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/09/bolsonaro-usa-michelle-ataca-stf-e-repete-ameacas-diante-de-milhares-na-esplanada.shtml>. Acesso em: 20 jul. 2024.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997 [1969].

LUPA – agência de checagem. *Após Bolsonaro pedir comparação, Janja e Michelle nas redes sociais*. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2022/09/09/comparacao-janja-e-michelle-nas-redes-sociais>. Acesso em: 20 jul. 2024.

MARCUSCHI, L.A. A ação dos verbos introdutórios de opinião. In: MARCUSCHI, L. A. *Fenômenos de linguagem: reflexões semânticas e discursivas*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 146-168.

O ANTAGONISTA. “Falei de todas as primeiras-damas”, diz Bolsonaro, sobre comparação de Michelle com Janja. *O Antagonista*, Brasília, 08 set. 2022. Disponível em: <https://www.oantagonista.com.br/brasil/falei-de-todas-as-primeiras-damas-diz-bolsonaro-sobre-comparacao-de-michelle-com-janja/>. Acesso em: 28 ago. 2025.

PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora UNICAMP, 1988 [1975].

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso. In: GADET, F.; HAK, T. (org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997. p. 160-161.

PÊCHEUX, M. Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação. In: PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução Eni Orlandi e al. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009. Anexo III, p. 269-287. Ed. original: 1978.

PIOVEZANI, C.; ALVES, M. Discurso. In: AZEVEDO, T.; FLORES, V. (org.). *Estudos do discurso: conceitos fundamentais*. Petrópolis: Vozes, 2024. v. 1, p. 129-146.